



Joaquim Rocha da Cunha

Economista, presidente PME Portugal

Riqueza da Nação | “Oremos portugueses por estas mentes iluminadas que preferem fechar fábricas e dar diplomas a todo e qualquer iletrado”

Best coa(s)t of Europe: speaker's corner

Portugal e a Europa vivem na realidade virtual. Alheios às realidades concretas, menosprezando os novos mundos, desvalorizando as novas potências, os europeus enfiam a cabeça na areia face aos problemas que os afectam. Os portugueses, vanguardistas europeus, recordistas de tratados e declarações, que apenas têm o condão de promover o local “Lisboa”, são por isso fiéis seguidores dessa técnica da avestruz. Aliás com os raios que nos atingem, já não haveria sol que se peneirasse. E portanto, à boa maneira estalinista, a realidade é aquilo que se mostra, não aquilo que é. E uma mentira repetida muitas vezes transforma-se seguramente em verdade. O exemplo de Cuba é aliás exemplar, pois foi o único país atingido pelo furacão “Hanna” que não registou mortos – apesar de Fidel o considerar pior que uma bomba atómica! Ora aí está, o princípio da imunidade das potências e dos líderes superiores às catástrofes. Que por cá e pela Europa tão bem se copia.

Ora estavam os líderes europeus muito entretidos com o seu tratadozinho e com subtrair aos eleitores a sua ratificação, e caiu em cima do mundo o furacão *subprime*. Logo se levantaram as vozes dos eurofanáticos, agora é que a América afunda de vez, irresponsáveis Yankees, nós Europa, superfortaleza bem gerida vai passar ao lado disso. Entretanto o Fed cortou para metade a taxa de juro (2%) e o Banco Central Europeu, essa entidade ditatorial germânica que ninguém elege, sobe para mais do dobro dos EUA a taxa de juro na Europa. E o que se segue? A recessão que tanto preocupa o Sr. Warren Buffet afinal dá um crescimento de quase 2% no segundo trimestre nos EUA. Afinal a crise era financeira e imobiliária, não da economia como um todo. E nos EUA, os ajustamentos e almofadas são imediatas, não são necessárias declarações e tratados! E a Europa, esse bastião dos valores intocáveis do socialismo utópico e dos direitos adquiridos daqueles que estão no sistema? Entra em recessão! Então ainda não é desta a superioridade moral europeia prevalece! A mesma superioridade que a levou a abrir o mercado à toa. A mesma superioridade que destrói milhares de postos de trabalho por ano. A mesma superioridade que julga poder manter impostos altos e direitos laborais á força. A mesma superioridade, que cada vez conta mais conta menos, a não ser para exibição interna. A Rússia, a China, o Brasil, a Índia, Angola e muitos outros sabem bem o que querem e o que não querem, e crescem. Mas a Europa é que tem superioridade moral!

E como Portugal julga saber o que quer, mas está pior que um bêbado no meio no cabo Adamastor, tem que usar o pensamento positivo, fabricando a realidade. Crimes violentos: nem pensar, as estatísticas dizem o contrário. Desemprego nem pensar, pois fecham centenas de fábricas, mas segundo o INE, tem havido centenas de milhar de pessoas que abandonam o mercado de trabalho e portanto o desemprego decresce – faltaria em nota de rodapé, dizer que as pessoas são ricas ou esperam o cheque do euromilhões e foram para casa jogar sueca ou Sodoku. E o mesmo INE, corrobora que crescemos, possibilitando a mentes muito superiores retirarem a ilação

de que somos a locomotiva da Europa! Depois houve 600 milhões de euros para PME, que espantosamente apenas dois bancos colocaram no sistema, tendo entre o protocolo e a aprovação demorado apenas dez dias! As empresas elaborarem e apresentarem projectos, ser feita a avaliação, a análise de risco e a aprovação em Conselho de Crédito e envio ao Ministério da Economia, numa maratona notável em que os envolvidos trabalharam seguramente 72 horas por dias e 14 dias por semana, uma vez mais demonstrando que nada está fora do alcance de alguns portugueses, principalmente se pertencerem ou se derem bem com o clube dos 100. O QREN continua a ser um sucesso enorme, em especial no norte do país, onde fecham fábricas todos os dias e assim se acaba com a poluição. E com essa maçada que eu tinha de ser vizinho de uma fábrica de componentes automóveis, que me incomodava o repouso nocturno com a sua laboração, caldeira, apitos. Fez muito bem a segurança social, aliás como sempre, e inviabilizou a sua recuperação, numa fábrica com 108 anos e 100 trabalhadores, a quem agora irá pagar o subsídio de desemprego, e mandá-los para as novas oportunidades: perdeste o emprego, mas ganhas um canudo que te dá um enorme ego de estômago vazio, e no fim do subsídio levas o rendimento mínimo garantido e vais para a sopa dos pobres.

Oremos portugueses por estas mentes iluminadas que preferem fechar fábricas e dar diplomas a todo e qualquer iletrado. Que nada aconteça a esta ínclita geração, que não descobriu o Brasil, mas descobriu o computador Magalhães do Vietname, Intel inside. Que nada se passa com saúde e educação, estamos a caminho dos melhores. Dos hospitais chutamos os doentes para a morte. Das escolas chutamos os alunos para cima, para certificar qualificações, sem conhecimentos ou competências.

É assim que Portugal piorando gravemente, consegue o milagre estatístico de transformar um acamado numa alta hospitalar, uma recessão numa locomotiva, um desemprego maciço numa descida do mesmo, o desinvestimento contínuo em sucessivos anúncios de investimentos com subsídios cativados e garantidos até á próxima deslocalização. Quem escreve isto não é um velho do Restelo nem é da oposição. Mas quando Lears, Yazakis e outras receberam avultados fundos no 3º QCA quem os concedeu já sabia o que ia acontecer e eu escrevi-o. Mais uma demonstração evidente de que temos líderes visionários capazes de transformar a realidade: os portugueses é que vêm mal, e sentem mal, precisam de orientação superior: estamos ricos, e devemos dar graças a deus, ou a outro ser superior dum culto mais restrito e poderoso, por termos uma elite tão capaz. Herdeira da dos republicanos que mataram o pançudo do D. Carlos e transformaram a 1ª República naquilo que se sabe, foi um período de libertação e democracia do povo – se bem que menos votassem que no tempo da monarquia... O povo é não sabia o que queria, mas os carbonários de então encarregaram-se de os iluminar ou eliminar, para que não houvesse dúvidas sobre a revolução na rua. Duraram 16 anos. Quantos teremos que gramar?